

APRESENTAÇÃO

Aquisição da Linguagem: abordagens teóricas e experimentais

Marina Rosa Ana Augusto¹, Mercedes Marcilese²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; NEALP/Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Tornar-se capaz de se expressar por meio de uma língua é uma conquista que a maior parte das crianças realiza com uma rapidez impressionante, de modo natural e aparentemente sem qualquer esforço, o que lhes permite interagir comunicativamente com os demais membros de sua comunidade. Trata-se de uma capacidade que distingue os seres humanos de outras espécies e entender o que permite e como esse processo transcorre é uma das questões primevas da Linguística.

No Brasil, o início dos estudos sobre aquisição da linguagem data da década de 70 do século XX (cf. CORRÊA, 1999) e acompanha as discussões acerca dos fundamentos teóricos que podem embasar tais estudos. Face a inegável relevância e aumento crescente dessa área de pesquisa, esta edição da *VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos* é dedicada à aquisição da linguagem e apresenta uma série de contribuições que se detém em questões fonológicas, prosódicas, lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas, focando não só a aquisição de língua materna, mas também aspectos relativos ao bilinguismo/multilinguismo, tanto considerando o desenvolvimento típico, quanto o atípico. Constitui, assim, uma variedade de olhares sobre uma riqueza de dados, oriundos seja da observação de dados naturalistas, seja a partir de metodologia experimental.

¹ E-mail: marinaaug@uerj.br | ORCID: 0000-0002-9022-394X.

² E-mail: mercedes.marcilese@ufjf.edu.br | ORCID: 0000-0002-9058-8367.

Compõem a edição 18 artigos e um ensaio. A organização dos textos traz inicialmente três artigos sobre aspectos fonológicos e prosódicos, seguidos de sete artigos sobre questões lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas. A seguir, apresentam-se cinco artigos nos quais questões relativas ao bilinguismo/multilinguismo são tratadas. A aquisição atípica por populações especiais – quais sejam, indivíduos diagnosticados no contexto do denominado transtorno do espectro autista e portadores da Síndrome de Down – é o foco de interesse de mais três artigos na próxima seção. Encerramos essa edição com um ensaio.

Abre o volume o artigo de Tânia Barbosa dos Reis, Cristiane Lazzarotto-Volcão e Maria João Freitas sobre o rótico dorsal no português europeu (PE). As autoras discutem os dados longitudinais de aquisição atípica de duas crianças portuguesas com perturbação fonológica, os quais trazem evidência adicional para o tratamento desse segmento como fricativa no PE em oposição ao rótico coronal, processado como soante. São consideradas as diferenças no tempo de aquisição, na ativação de diferentes estratégias de reparo e no impacto de /R/ como alvo terapêutico, que gerou mudanças na classe das fricativas, mas não na das líquidas.

Em seguida, Andressa Toni trata da natureza fonêmica ou alofônica das africadas [tʃ, dʒ], agora em Português Brasileiro (PB). Discutindo resultados de um experimento de *priming* fonológico, quantificação de frequência lexical e a descrição longitudinal da aquisição das africadas no dialeto paulistano, a autora defende que [tʃ, dʒ] são representados como /t, d/, considerando a variação originada pela morfologia flexional e derivacional, que se constituiriam como uma fonte de dados suficiente à generalização da regra de palatalização, segundo o Princípio da Tolerância (YANG, 2018).

A fala dirigida à criança (FDC) é o tema do artigo seguinte, de Cristina Name e Juan Manuel Sosa. Focalizando particularmente as interrogativas, analisa-se a interação entre quatro bebês adquirindo PB e seus familiares. Os dados revelam que essas estruturas são suficientemente destacadas em comparação com outras construções presentes nos enunciados de FDC no PB, tanto por sua alta presença, quanto por suas características prosódicas. As interrogativas representam quase 40% do total dos enunciados, são marcadas por registro alto e amplo movimento de *pitch*. Segundo os autores, as interrogativas podem ser facilmente percebidas pelo bebê e potencializar a aquisição sintática, dessa e de outras estruturas, por contraste.

Compreendendo a modelagem computacional de aquisição da linguagem de autoria de Pablo Faria abre a próxima série de artigos, problematizando a contribuição que a modelagem computacional pode trazer para a área de aquisição da linguagem. Com o tema da aprendizagem

distribucional de categorias sintáticas, o autor demonstra como a modelagem exige que o pesquisador explicitasse as suposições e impõe que se evitem simplificações e decisões arbitrárias. O autor defende, assim, que esse campo permite um frutífero intercâmbio de ideias, relevante para o avanço de teorias de aquisição.

Por meio de um estudo de caso longitudinal, a emergência da morfologia de progressivo e de pretérito perfeito nos dados de aquisição de uma criança adquirindo o PB é explorada no artigo seguinte de autoria Maria Carolina de Souza Silva, Adriana Leitão Martins e Nayana Pires da Silva Rodrigues. Partindo da Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN & SHIRAI, 1996), que sustenta que o uso das morfologias verbais é inicialmente motivado pelo aspecto semântico do verbo, as autoras defendem que os traços efetivamente relevantes são *minimal events are extended* e *event of change* e não, como já aventado na literatura, o traço de duratividade e a propriedade de telicidade.

No artigo seguinte de Julia Svazati Assine e Indaiá de Santana Bassani, as produções espontâneas de três crianças adquirindo o PB, entre três e cinco anos de idade, são avaliadas em relação ao uso de formas com os prefixos *a-*, *eN-* e *deS-*, buscando-se verificar se o uso de formas prefixadas com composicionalidade semântica sucede a presença prévia da forma sem o prefixo, assumindo-se que seriam, então, formas analisáveis. Comparam-se, assim, a ocorrência de formas não-prefixadas e prefixadas com raiz comum, a frequência da forma na fala adulta (*input*) e a produção de formas inovadoras, verificando-se que as formas prefixadas analisáveis aumentam com a idade, sendo o prefixo mais analisável e inovador o *deS-*.

A aquisição da marca morfofonológica de plural no PB é o tema do artigo seguinte de Marina Maia Reis. A autora realizou um experimento de produção eliciada com 75 crianças de 3 a 5 anos de idade frequentando escolas públicas e privadas. A partir da proposta de competição de gramáticas (YANG, 2002), a autora sustenta que ocorrem dois processos distintos para a aquisição da concordância nominal e da concordância verbal em PB. Para a autora, a variação entre os padrões de concordância no sintagma nominal é um reflexo da aquisição de duas gramáticas, com parâmetros formatados de maneira distinta, enquanto a variação observada no verbo estaria relacionada ao processo de aquisição, sugerindo a aquisição de apenas uma gramática com a marcação de plural explícita, ao final do processo.

A realização da concordância variável de número na fala de crianças adquirindo o PB com foco nos possíveis efeitos de saliência fônica para a marcação redundante ou não redundante de plural é o tema do artigo de Cristina Azalim, Mercedes Marcilese e Paula Roberta Gabbai Armelin,

contrastando dados naturalísticos e experimentais. Estes revelaram diferenças nos padrões de produção com maior semelhança entre crianças e seus cuidadores na coleta naturalística. As autoras alertam para o fato de que a metodologia experimental pode viabilizar uma caracterização mais refinada das variáveis investigadas, possibilitando a coleta de um volume maior de dados e permitindo a análise de configurações que raramente ocorrem nos dados espontâneos.

A relação entre o desenvolvimento linguístico e a memória de trabalho é explorada no artigo de Ângela Maria de Araújo e José Ferrari-Neto em relação ao processamento de relações anafóricas. A partir de uma série de testes para avaliação da memória de trabalho, da competência leitora e um teste psicolinguístico para a interpretação de retomadas anafóricas, crianças de 6, 7, 8 e 9 anos e adultos são testados. Os resultados reportados indicam a correlação entre sobrecarga de memória de trabalho, atestada por meio de número de sentenças intervenientes entre o antecedente e a retomada, e o correto processamento dessa relação.

O artigo que fecha essa seção, de autoria de Mayara de Sá Pinto, Marije Soto, Aniela Improta França e Nathacia Ribeiro, trata do desempenho de crianças de 4 e 5 anos diante de estruturas recursivas, particularmente sequências de PPs locativos, a partir da distinção, que vem sendo denominado na literatura, de recursividade direta (RD) e recursividade indireta (RI). A partir de uma tarefa de pareamento sentença-figura, observou-se uma maior acurácia para as sentenças RD, tendo as sentenças do tipo RI ficado no nível de chance.

Iniciando a seção sobre Bilinguismo, o artigo de Nalim Barbosa Pinto e Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes aborda o acesso lexical por falantes multilíngues. Por meio de uma tarefa de decisão lexical, as autoras investigaram falantes de português (língua materna), inglês e italiano (como línguas adicionais). Buscou-se estabelecer em que medida: (i) existe uma facilitação no acesso lexical de palavras em italiano (L3) quando as línguas convergem em ortografia e semântica, ou seja, quando as palavras são cognatas entre L1 e L3 e/ou entre L2 e L3; e (ii) existe uma maior facilitação no acesso lexical da L3 quando este se dá pela convergência ortográfica e semântica entre as três línguas. Os resultados sugerem efeito cognato quando as línguas envolvidas são as adicionais, mas não quando a língua materna está presente. Não foram encontradas evidências de efeito cognato triplo. Pelo contrário, quando as três línguas estão presentes foi observado um efeito uma interferência no desempenho da tarefa. As autoras defendem que os resultados obtidos se mostram compatíveis com a hipótese de acesso lexical não seletivo.

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira, Bruna Rodrigues Fontoura e Ricardo Augusto de

Souza investigam experimentalmente aspectos relativos à aquisição da morfologia flexional por falantes de segunda língua. Participaram da pesquisa bilíngues do par português brasileiro/inglês com diferentes perfis linguísticos. Por meio de duas tarefas de julgamento de aceitabilidade foi contrastado o desempenho dos participantes frente a sentenças gramaticais e agramaticais em inglês. Os resultados indicam diferenças relevantes entre falantes bilíngues português/inglês e nativos do inglês apenas quando a agramaticalidade decorre da ausência do morfema flexional. Bilíngues e nativos apresentaram comportamento semelhante no que tange à percepção dos morfemas gramaticais e agramaticais explícitos; no entanto, nativos se mostraram mais sensíveis à agramaticalidade quando o morfema tinha sido omitido. Enquanto nativos trataram sentenças com ausência de morfemas e com presença de morfemas “ilícitos” como igualmente agramaticais, bilíngues se mostraram mais tolerantes frente ao segundo tipo de agramaticalidade.

No artigo *Bilingualism and numerical cognition*, Carina Santos e Ingrid Finger exploram – por meio de metodologia experimental – possíveis relações entre cognição linguística e numérica no contexto do bilinguismo (falantes de português/inglês). As autoras buscam investigar em que medida o histórico linguístico dos falantes e o modo de apresentação de tarefas de cálculo simples (por meio de dígitos, por meio de enunciados escritos em inglês e em português) teriam efeitos no desempenho dos participantes da pesquisa. Os resultados indicam que, nos falantes bilíngues, a resolução de cálculos na modalidade “dígitos” foi mais rápida e que a precisão foi maior quando os problemas foram apresentados por escrito na língua na qual os mesmos aprenderam aritmética básica. A acurácia e o tempo de reação na resolução das tarefas não foram afetados pela experiência linguística dos participantes.

O artigo de Cândido Samuel Fonseca de Oliveira, Elizabeth Duane Santos da Costa, Karina Lúcia Ribeiro Canabrava e Nathalie Alacoque da Silva Barros discute o papel do treinamento na modificação do conhecimento linguístico de falantes de português brasileiro aprendizes do inglês com segunda língua. Os autores consideraram construções de objeto duplo e desenvolveram um treinamento *on-line* por meio de uma tarefa labirinto (*maze task*). Foi avaliado o potencial da tarefa de labirinto – geralmente utilizada como técnica experimental em pesquisas no âmbito da psicolinguística – como ferramenta pedagógica para a aprendizagem de segunda língua. A comparação do desempenho dos participantes no pré-teste e no pós-teste sugere melhora nas medidas consideradas. Todavia, não foram registradas diferenças significativas nas comparações entre o grupo experimental – treinamento via *maze task* – e os dois grupos de controle – que treinaram outras estruturas ou assistiram a uma pequena palestra sobre estruturas do inglês,

respectivamente.

No quinto e último artigo que compõe a seção sobre Bilinguismo, Amanda Post da Silveira discute aspectos da aquisição da fonética/fonologia em função do contraste entre a produção de homens e mulheres. A autora investiga a duração vocálica do inglês americano tal como produzida por nativos e nativas do português brasileiro, considerando sexto e *background* linguístico como fatores a serem investigados. Participaram da pesquisa falantes monolíngues de inglês americano e falantes de português brasileiro como primeira língua e inglês como segunda língua. Os resultados reportados são indicativos de uma certa independência entre ambas as variáveis analisadas, isto é, corroboram a importância de se considerar tanto diferenças de aquisição quanto de *performance* entre os sexos, a fim de que fenômenos específicos relativos ao sexo dos falantes possam ser melhor caracterizados.

A seção dedicada à aquisição da linguagem em populações com desenvolvimento atípico inclui três artigos, sendo o primeiro sobre o espectro autista e os dois restantes focados na síndrome de Down. Letícia M. Sicuro Correa, Vanessa Gouveia Ribeiro e Michelle F. Perelmuter trazem um estudo sobre a compreensão de clíticos reflexivos e pronomes tônicos como objeto direto por crianças no espectro autista, falantes de português brasileiro. As autoras buscam avaliar o impacto da semântica lexical (contrastando verbos de ação/de emoção) no reconhecimento de predicados reflexivos em 3ª e em 1ª pessoa. Para tal, por meio de uma tarefa de seleção de imagens foi avaliada a compreensão de sentenças envolvendo clíticos e pronomes tônicos – tanto pelo grupo experimental, formado por crianças diagnosticadas no quadro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), quanto pelo grupo controle. Os resultados revelam dificuldades diferenciadas na compreensão de ambas as formas (clíticos anafóricos e pronominais) e efeito da semântica lexical, com os verbos de emoção facilitando a compreensão de reflexivos por parte do grupo TEA.

Em *A compreensão do papel temático de experienciador de verbos psicológicos realizada por pessoas com síndrome de Down*, Ana Paula Martins Alves Salgado e Ruth de Jesus Ramos investigam experimentalmente questões relativas ao processamento da semântica verbal por portadores da síndrome. Por meio da Técnica de Fixação Preferencial do Olhar, as autoras buscam avaliar um possível custo cognitivo diferenciado na compreensão da alternância do papel temático de experienciador de verbos psicológicos das classes *Temer* (ex. *Mário teme fantasmas* em que o experienciador é mapeado na posição de sujeito) e *Preocupar* (ex. *Fantasmas preocupam Mário* em que o experienciador é mapeado na posição de objeto). Os resultados obtidos sugerem que os

participantes, portadores de Síndrome de Down, compreendem essa alternância, porém, a compreensão parecer ser mais custosa quando o experienciador está na posição de sujeito do que quando está na posição de objeto.

Maristela Amaral Ribeiro, Elisângela Gonçalves e Carla Salati Almeida Ghirello-Pires trazem uma contribuição para uma melhor compreensão do processo de aquisição da escrita por portadores de síndrome de Down. Para tal, as autoras desenvolvem uma pesquisa qualitativa longitudinal com abordagem discursiva. Para obtenção dos dados foram utilizadas histórias, músicas, canções, contos e fábulas conhecidas pelos participantes, com vistas a estimular a organização de frases escritas, visando caracterizar essa produção. Além disso, foram propostas atividades de intervenção com o objetivo de ajudar os participantes a superar as dificuldades linguísticas detectadas ao longo do acompanhamento longitudinal. Os dados indicam que os participantes da pesquisa priorizam, nas suas produções escritas, algumas classes gramaticais em detrimento de outras. Esse fato, que confere à escrita um estilo “telegráfico”, é interpretado pelas autoras como um processo intermediário e produtivo, não exclusivamente patológico.

Encerrando o volume, o ensaio *Acesso à memória semântica e episódica: estratégias preferenciais de iletrados e semiletrados* de autoria de Leonor Scliar-Cabral e Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, tece uma reflexão sobre os possíveis efeitos do letramento e da alfabetização na estruturação do conhecimento nas memórias semântica e episódica e sobre quais fatores determinam as estratégias preferenciais de acesso a uma ou a outra dessas memórias. Com base em dados de um teste de associação entre palavras combinado com a metodologia dos protocolos verbais (*Thinking Aloud Protocols*), as autoras identificam diferenças no desempenho dos participantes em função do seu nível de letramento e escolaridade. Com base nas diferenças de observadas entre os grupos avaliados, as autoras aventam a possibilidade de que o desenvolvimento da competência leitora teria efeitos sobre o refinamento dos processos de categorização semântica.

Além de destacar a contribuição dos autores que integram o presente volume, não podemos deixar de registrar o nosso agradecimento aos mais de quarenta pareceristas que colaboraram conosco nesta edição temática. Sem suas avaliações criteriosas teria sido impossível garantir um material de qualidade como o que aqui apresentamos. Esses colegas, espalhados por todas as regiões do Brasil, são também responsáveis pelos avanços da investigação sobre aquisição da linguagem no nosso país.

Desejamos que novos percursos e parcerias de pesquisa possam ser estabelecidos a partir

da leitura produtiva deste volume.

Referências

ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. The primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (Ed.). *Handbook of second language acquisition*. California: Academic Press, 1996. pp. 527-560.

CORREA, L. M. S. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *DELTA* [online]. 1999, vol.15, número especial, pp.339-383.

YANG, C. *Knowledge and Learning in Natural Language*. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. *A User's Guide to the Tolerance Principle*, 2018. Disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/004146> acesso em 15/05/2020>
